

A MORTE DE DEUS!

PELO DR. ABEL VARZIM

A morte de Deus é o tema mais debatido dos últimos 60 anos. Arrumados aqui neste canto da Europa, sofrendo quase exclusivamente a influência francesa através da sua imensa literatura, e, ultimamente, fechando-nos ainda mais no nosso isolamento, nós os católicos temos andado bastante alheios às grandes batalhas ideológicas e religiosas que se travam no mundo. Chegam-nos até nós advertências severas de alguns escritores católicos, publicam-se também nos nossos jornais os avisos aflitivos dos Santos Padres, em encíclicas, mensagens e discursos em tal abundância como nunca igual se registou em toda a história da Igreja. Tanto uns como outros soam aos nossos ouvidos num som estranho que não compreendemos de todo.

No entanto, a luta, às nossas portas, acende-se de cada vez mais e os clarões do incêndio começam a alarmar alguns espíritos mais vigilantes. O fogo também cá chegou.

De que se trata? — Da morte de Deus!

Desde que Hegel a anunciou ao mundo alemão como um dado inevitável da História, e, sobre o drama terrível, pôs luto antecipado, os acontecimentos precipitaram-se. O seu discípulo Heine já nos veio anunciar a Sua agonia: «Não ouvis tocar a campainha? De joelhos!... Levam os sacramentos a um Deus moribundo».

Seguem-se então os alvicaireiros da grande novidade». Richter chega mesmo a atribuir a Cristo ensanguentado o remorso de ter enganado os seus apóstolos:

«Irmãos, eu enganei-vos. Abismo! Abismo! Abismo! Deus já não está no altar em que Eu sou a vítima! Deus não existe! Deus não existirá mais!» Feuërbach acompanha a novidade duma explicação filosófica: Deus nunca existiu; ele não é mais do que pura criação da nossa mente, que, transpondo as qualidades humanas, idealizou um Deus que as tivesse todas em grau infinito. Marx, por sua vez, eleva, no meio das multidões esmagadas pelo industrialismo liberal, a sua voz convincente para lhes anunciar a morte de Deus: doravante, o ser supremo para o homem é o próprio homem, — a religião é o ópio do povo.

Mas é sobretudo Nietzsche quem, uma geração mais tarde, se orgulha de ter matado Deus: «Onde está Deus, vou vo-lo dizer! Nós o matámos — eu e vós! Nós todos somos seus assassinos. Mas como pudemos nós fazer semelhante coisa? Como pudemos beber o oceano? Quem nos deu a esponja com que apagámos todo o horizonte? Que fizemos nós, desligando esta terra do seu sol? Para onde irá ele agora? Para onde marcharemos nós? Longe de todos os sois? Não cairemos presentemente numa queda ininterrompida? Para trás, para o lado, para a frente, para todos os lados? Haverá ainda um alto e um baixo? Não erramos agora através dum nada infinito? Não sentimos o sopro daimensidade vasia? Não faz mais frio? A noite não se faz cada vez mais negra? Não será preciso acender lanternas em pleno meio-dia? Não ouvis

já o ruído dos coveiros que descem Deus à terra? Não sentis já o odor do apodrecimento de Deus?—Porque os deuses também apodrecem! Deus morreu! Deus ficará morto! e nós matámo-lo! Como nos havemos de consolar, nós assassinos entre todos os assassinos? O que o mundo tinha de mais sagrado, de mais poderoso, sangrou sob os nossos cutelos — quem nos lavará a mancha deste sangue? Com que água nos purificaremos? Que festas expiatórias, que jogos sagrados será preciso inventar? A grandeza deste acto não é demais para nós? Não devemos fazer-nos nós mesmos deuses, não seja senão para parecermos dignos de o ter feito? Nunca houve acção tão grande — e todos aqueles que nascerão depois de nós, pertencerão, por este facto, a uma história mais alta que toda a história do passado» (Nietzsche in *Gai savoir*).

Com Deus morto, e morto pelo homem, uma conclusão se impõe: a grandeza do homem! O homem é tão grande, que derrotou Deus, matando-o. Logo já ele se assemelha a Deus. Já ele é Deus!

A tarefa agora é só uma: fazer com que a humanidade seja digna de tão grande feito de alguns dos seus maiores representantes. É preciso fazer o Super-Homem!

O Super-Homem sem piedade! Porque Deus morreu *por ser piedoso* (Nietzsche, *Zarathustra*). A piedade faz dispender as próprias energias, repartindo-as pelos fracos. O homem, para atingir a meta, tem de concentrar todas as energias. Ser impiedoso! Aniquilar os fracos para que lhe não estorvem o caminho (Nietzsche, *Genealogia da Moral*)!

A tarefa de realizar o Super-Homem assumiu-a o nacional-socialismo. Falhou. Mas também a tinha assumido, talvez ainda com mais vigor, o comunismo. Não foi ainda vencido! Luta mesmo furiosamente para a realizar, através do *ateismo-militante* (os assassinos de Deus) e dos planos quinquenais!

No fundo, a gigantesca empresa de nos entregar a todos ao reinado do Príncipe deste mundo!

Ao grito alvoroçado: «nós matámos

Deus, viva agora o Super-Homem!» Cristo responde, entregando-se à morte. Escreve o teólogo Von Balthazar: «*O amor de potência* — que mata Deus encontra esta Potência de amor que desce para entre os homens a fim de se oferecer à morte!»

Mas a batalha é dura. Querem matar-nos Deus! Como o não poderão fazer — e eles sabem-no — é nas nossas almas que tentam matá-lo, para nos entregarem, de coração vasio, às mãos de Satanaz!

Pio XII chama-nos ao combate:

«*O vosso Apostolado, o vosso dever estão assim nitidamente traçados: com o concurso da graça, que obtereis pela oração e pela vigilância, guardai-vos do mal; e pelo vosso zelo e vossa caridade, que são também dons do Espírito de Deus, colaborai em arrancar o mundo ao domínio de Satanaz, para o recolocar e o restaurar no reino salutar de Cristo*», (Pio XII, aos Homens da Acção Católica Italiana, em 20 de Setembro de 1942).

Dia a dia, recrudescer de violência a grande luta. Os nossos templos vão-se esvasiando lentamente de povo. A juventude, nos grandes centros, abandona de cada vez mais a sua Fé. A natalidade diminui progressivamente, dizem as estatísticas. Os trabalhadores, na sua grande maioria, já não têm vida cristã, dizem os inquéritos. E os outros?

...Deus morreu de facto na alma de tanta gente!

Não poderemos nós ressuscitá-l'O, a esse *Deus Vivo*, que não pode continuar morto no coração desses pobres irmãos nossos que já não crêem n'Ele? Mesmo que seja à custa das nossas humilhações e do nosso sangue?

Porque não tomamos *plena consciência* da dureza da batalha, avançando decididamente para a frente onde ela, desde há muito se vem travando: a fábrica, o escritório, o desporto, o cinema, a escola, a assistência, as instituições? Porque permanecemos «*entrancheirados*» dentro dos nossos templos, insensíveis ao avanço do

ateísmo militante que não tem outros «templos» senão os campos de batalha? Havemos de acordar um dia inteiramente «cercados»?

A Acção Católica foi o brado de alerta! Nela se vão retemperando as forças, formando os quadros, adestrando as milícias, preparando os planos. Temos bons e decididos combatentes.

Mas a Acção Católica nem todos os católicos a compreendem. Querem uns que se equipe com material antiquado: obras de assistência, visitas aos miseráveis, peregrinações em série. Querem outros que se mantenha sossegada e não perturbe, com a sua «agitação», a tranquilidade das suas velhas obras. Outros acham-na já de mais, porque o incêndio que o comunismo ateou no mundo está prestes a ser extinto, num mar de sangue, pelas bombas atômicas do exército americano.

Não a compreendendo, não cerram fileiras à sua volta, não aceitam por amor dela todas as renúncias!

Enfraquecem-na! Precisamente no momento em que, por todo o mundo, o ateísmo militante, sob um comando único, decidido, implacável, lança mais do que nunca, a sua grande ofensiva ideológica, anti-divina, anti-cristã. «Cegos, condutores de cegos»!

Mas a Acção Católica retempera-se mais ainda na contradição e na luta. Os seus militantes conscientes sabem perfeitamente que não-de triunfar na medida em que aceitarem as condições da ver-

dadeira vitória cristã: os braços estendidos numa cruz.

Diante dela, não-de pôr-se em fuga «partes adversas»—os inimigos, os assassinos de Deus!

Deus não morreu! Cristo ressuscitado não pode mais morrer! «A nossa vitória é a nossa Fé». A nossa disciplina, a nossa audácia, a nossa decisão, não são palavras ocas. Poucos ou muitos, compreendidos ou incompreendidos, loucos talvez — pouco importa — olhamos confiantes os campos da batalha onde se joga o Santo Nome de Deus!

Convidam-nos a chorar, porque «o céu está vazio, e já não temos Pai!»

Não! Nós não somos dos que choram por nos chamarem ao combate. O nosso Pai é o *Deus Vivo!* Ele enche o céu todo e, de cada vez mais, nos enche o coração. Porque na medida em que os homens O expulsam do seu, mais Ele se «refugia» no nosso coração, e o torna grande, quase imenso, fortalecido e audaz, para esmagar a «Vontade de Potência» que O quer matar.

A Acção Católica sabe ser paciente. Trabalha, sofre, reza e espera. Espera serenamente a hora do Espírito Santo.

Espera confiante que chegue «a sua hora».

E entretanto, de um só coração e uma só alma, invoca a sua vinda:

Enviai o Vosso Espírito e tudo será criado!

E renovareis a face da Terra!

Às Dirigentes da Juventude Católica Feminina e da Liga Católica Feminina

Prevenção

Faz-se saber às Dirigentes da J. C. F. e da L. C. F. que a Senhorita Maria Rita Costa abusivamente se apresentou em várias terras do País com uma carta de recomendação de Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo Auxiliar de

S. Paulo, Brasil, D. António Maria Alves de Siqueira.

Desmente-se categoricamente ter S. Ex.^a Rev.^{ma} escrito tal carta.